

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

MULHERES QUE MATAM: A MEMÓRIA TRAUMÁTICA EM *BELOVED*

Bárbara Inês Ribeiro Simões Daibert (UFF)
barbarasimoes2005@uol.com.br

A que teve da tripulação, ela atirou fora, na ilha. Os outros, de outros brancos, atirou fora também. A você deu o nome do homem preto. Abraçou-a. Os outros ela não abraçou. Nunca. Nunca. Estou lhe contando, menina Sethe. (MORRISON, 2000, p. 79)¹⁷

Chama-se Sethe uma das protagonistas de um dos romances mais perturbadores da afro-americana Toni Morrison. Escrito em 1988, *Beloved* consolidou a obra da autora que a levaria ao prêmio Nobel, em 1993.

Permeado de lacunas textuais explícitas ou não, escrito com o auxílio do *Black English*, o livro de Morrison retoma a segunda metade do século XIX, trazendo como personagens centrais negros escravos em 1855 e libertos em 1873. Entre essas duas épocas o texto oscila, e nele Sethe é apenas uma das mulheres que matam.

Na verdade, na composição da linguagem e dos silêncios da narrativa de *Beloved*, a violência é o principal ingrediente. Segundo declarações da própria autora, era doloroso escrever. Quando questionada quanto ao assunto do livro, ela respondeu: "it is about something the characters don't want to remember, I don't want to remember, black people don't want to remember, white people don't want to remember. *I mean, it's national amnesia*" (MORRISON, 1989, p. 120. Grifo nosso)

Morrison e *Beloved* estão inseridos justamente no fim da década de 80 do século XX, época marcada, segundo alguns críticos,

¹⁷ The one from the crew she threw away on the island. The others from more whites she also threw away. Without names, She threw away. You, she gave the name of the black man. She put her arms around him. The others she did not put her arms around. Never. Never. Telling you. I am telling you, small girl Sethe. (MORRISON, 1988, p. 62)

pela literatura de memória. Beatriz Sarlo e Andreas Huyssen são dois desses críticos culturais que escrevem sobre a presença da memória na literatura e na arte a partir da década de 80, e ambos comentam sobre a importância da literatura como instrumento de não esquecimento do trauma da nação.

É, contudo, sobretudo Huyssen que comenta sobre essa amnésia nacional em *Seduzidos pela memória*. Retomando a fala de Morrison, a memória do trauma é algo que se quer esquecer, mas que insistentemente se faz presente. Huyssen comenta que essa *anamnese* possui um papel de significativa importância na transformação do presente na medida em que “nos conduz além do legado da modernidade e do colonialismo” (HUYSEN, 2000, p. 4). Sendo assim, a memória tem uma função, um papel determinante, pois traz consigo uma possibilidade de renovação.

Interessantemente, Morrison diz não querer se lembrar daquilo que narra, do trauma da escravidão que todos querem esquecer. Porém, as frases que se repetem na última página de *Beloved* reafirmando o perigo de se lembrar, fazem justamente com que a memória permaneça, ainda que oculta: “Não era uma história para se passar adiante... Lembrar parecia pouco prudente... Não era uma história para se passar adiante... Esta não é uma história para se passar adiante”.¹⁸ (MORRISON, 2000, p. 321)

Negando a lembrança, Morrison nega também o esquecimento. E a memória traumática permanece à deriva, indo e vindo como fantasma e trazendo consigo renovação da História.

Beatriz Sarlo, no texto *Os militares e a História: contra os cães do esquecimento*, contido no livro *Paisagens Imaginárias*, apresenta também essa questão da presentificação do passado traumático. Ao temporalizar o presente através de interrogações sobre o passado, é possível o descongelamento deste através da memória. Diante então da herança do passado, é possível reconstruí-lo em seus múltiplos sentidos, e ainda, indagar sobre questões que possam ser pertinentes na atualidade. Na verdade, a presentificação do passado proposta por Sarlo não se trata de uma “contemplação do passado”, mas de abrir

¹⁸ It was not a story to pass on. (...) Remembering seemed unwise. (...) It was not a story to pass on. (...) This is not a story to pass on. (MORRISON, 1988, p. 275)¹⁸

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

possibilidades de audibilidade, pela sociedade, de falas que não foram ouvidas. (SARLO, 1997, p. 38)

Nesse sentido, a literatura desempenha papel fundamental, pois através da escrita, a lembrança daquilo que se deseja esquecer vem à tona. Desde Platão, sabe-se que se escreve para que se possa esquecer, e ao mesmo tempo, para que se possa lembrar, e é exatamente aí que reside o caráter ambíguo, e por isso, subversivo, da escritura. Embora muitas vezes escreva-se para esquecer (nesse sentido talvez possam ser lidas as últimas frases de *Beloved*), o efeito da escrita é fazer com que os outros lembrem, com que os resíduos permaneçam. Assim comenta Sarlo:

Há romances, poemas, depoimentos, num leque que vai da mais extrema representação realista até as transformações mais distanciadas. São obstáculos levantados contra o convite ao esquecimento, contra sua impossibilidade ou imposição; teimam em opor-se à hipocrisia de uma reconciliação amnésica que pretende calar o que, de qualquer modo, já se sabe. (SARLO, 1997, p. 32)

São os detalhes, resíduos, fragmentos, vestígios, traços, os principais guerreiros que lutam pela presentificação do passado, detalhes que não foram lembrados. Assim, a recuperação da memória se dá por uma percepção não idealista, não totalizadora. A volta repetida a um mesmo discurso em ruínas, então, impede que o tempo, as ideologias, a política dos Estados, ou mesmo o cansaço da culpa ou o cansaço produzido pela monotonia do horror causem a amnésia nacional de que nos fala Morrison.

Se Andréas Huyssen e Beatriz Sarlo veem a recorrência da memória traumática em textos que retomam o holocausto, outros teóricos dão pistas para o que seria uma retomada do passado nos países que viveram o trauma da escravidão.

Tomando primeiramente Bhabha, em *DissemiNação*, texto de *O local da cultura*, o indo-britânico apresenta a nação como construção discursiva, necessitada de vontade de nacionalidade que a justifique e mantenha. (BHABHA, 1998, p. 214) Desta forma, a identidade nacional se constrói a partir da superação de toda diferença capaz de perturbar a homogeneidade. Entretanto, segundo o autor, a atitude que ele denomina “performática” traz uma desestabilização da unidade homogênea no contexto do pensamento teórico da pós-modernidade. Percebe-se a existência da heterogeneidade dentro da

nação, minorias silenciadas em favor do discurso da homogeneidade nacional. Utilizando a lógica do suplemento, baseando-se no pensamento teórico de Jacques Derrida, Bhabha afirma que essas minorias mantêm em aberto uma soma que não fecha. Nesse espaço suplementar, pode ocorrer a renegociação dos espaços sociais, incluindo neles a heterogeneidade e a diferença.

Seguindo o pensamento de Bhabha, levanto a questão de que, na literatura, essa renegociação pode ser suscitada através de memórias traumáticas de minorias silenciadas. Nesse caso, o passado teria fundamental importância, já que sua recuperação seria capaz de reconstruir novos sentidos. Tomando como base o pensamento de Edward Said, em *Cultura e Imperialismo*,

A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas. (SAID, 1995, p. 20)

Por outro lado, Leela Ghandhi aponta, em estudos sobre o pós-colonialismo, para uma resistência à amnésia do processo colonial. Segundo a autora, uma das principais funções da lembrança é trazer à tona a violência da colonização, é aproximar e tornar familiar o passado antagônico. Assim, é preciso revisitar o passado a fim de entender e interrogar o processo, já que, segundo a autora, a simples tentativa de esquecer e banir o passado colonial não é uma superação deste, mas uma repressão, que deixa para trás a presença do resíduo de algo não resolvido.

Incômodo, este resíduo permanece também nos países onde a escravidão deixou suas marcas. Toni Morrison volta ao que ela classifica como amnésia nacional, algo que ninguém quer lembrar, mas que permanece assombrando o progresso norte-americano, cujo vento literalmente varreu o Sul após a guerra de Secessão. Tratado como o avesso das promessas de liberdade e progresso do Oeste, “do seguir sempre em frente”, o Sul das fantasmagorias tornou-se o desencanto, lugar de bairros velhos, trilhos enferrujados, ruelas abandonadas, a mancha americana que escurece a aura mítica das paisagens hiper-reais do Oeste. Suas ruínas, entretanto permanecem, assombrando a nação.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A interpretação alegórica da História feita por Walter Benjamin em *Teses sobre a História* pode ajudar-nos a ler as imagens do Sul das cidades fantasmas. Benjamin parece se reportar diretamente ao cenário das velhas cidades do Sul dos Estados Unidos. Varrido pelo progresso, derrotado pelo Norte e por suas próprias contradições, o Velho Sul, no entanto, permanece, ainda que em pequenos resíduos.

De fato, as paisagens de ruínas do Sul conspiram contra os signos americanos do progresso. O poeta mexicano Octavio Paz, em texto em que comenta justamente a adequação da interpretação alegórica de Walter Benjamin do “Anjo da História” ao Sul arrasado, conclui interessantemente dizendo que “os norte-americanos deveriam ter aprendido que certas coisas não podem ser deixadas para trás; sobretudo quando a causa é seguir sempre em frente”. (PAZ *apud*. BARBOSA, 1997, p. 25) As ruínas, os resíduos, entretanto, permanecem, inapagáveis, e a violência do que não podia ser dito é lembrada.

Em *Beloved*, Sethe é a personagem que retoma uma das muitas histórias varridas e esquecidas pelo progresso. Na verdade, Morrison aproveita-se da história real de Margareth Garner, ocorrida poucos anos antes da guerra civil norte-americana, que, como outras escravas de seu tempo, cometeu o infanticídio. Entretanto, a história da escrava Garner chocou pela violência do crime, e pelas posteriores declarações da escrava, que os abolicionistas aproveitaram ao máximo, acirrando as diferenças entre norte e sul.

Atravessando o rio Ohio, a escrava pretendia deixar em Kentucky para sempre seu passado de escravidão. Entretanto, a partir de 1850 passa a vigorar nos Estados Unidos a lei do escravo fugitivo (*The Fugitive Slave Act*), que determina que, se uma propriedade é reconhecida em todos os estados americanos, também o escravo fugitivo é propriedade em qualquer estado do país, e como tal, deve ser devolvido ao dono pelo xerife local. Assim, após vinte e oito dias em liberdade com os quatro filhos, Margareth Garner desespera-se ao ver chegar com os grilhões o seu dono. Ela se refugia em um barracão com as quatro crianças, e o horror é descrito pelo xerife, que, junto ao dono da escrava, entra no barracão poucos minutos depois. Os dois meninos pequenos jazem no chão, desacordados, com a ca-

beça marcada por pancadas de enxada, e a menina de pouco mais de dois anos tem a garganta atravessada por uma serra. A menor de todas, recém-nascida, Garner tenta atirar à parede, mas acaba, como os meninos, salvando-se.

Graças ao xerife, as declarações da escrava foram parar nos jornais, e acabaram impulsionando as lutas abolicionistas, já que, segundo ela, a morte para seus filhos era melhor que a escravidão. Sem poder desabar o sistema que a oprimia, restava-lhe este ato de subversão, de roubar do patrão sua mais-valia, seu ganho extra através de seus filhos.

O “horror” descrito por Conrad parece entrar em cena, não somente neste caso, mas em muitas outras pequenas histórias que retornam na literatura do fim do século XX. Morrison retoma o drama de Margareth Garner através da personagem Sethe, que reside dezoto anos após seu crime em um país livre, em uma casa habitada pelo fantasma de sua filha e pelas memórias que lhe perseguem incessantemente. Sethe é a escrava que, diferentemente da personagem de Harriet Stowe em *A cabana do pai Tomás*, não foge para outro país, mas permanece com as memórias que assombram.

No romance puritano de Harriet Stowe, escritora que ganhou do presidente Lincoln o epíteto de “a jovem que provocou a guerra civil”, a escrava Elisa, como Sethe, faz a travessia do rio Ohio. Entretanto, ao chegar ao outro lado, percebe, em algumas peripécias, que o país inteiro não é seguro, especialmente após a lei de 1850, para uma negra fugida e seu filho. Ela acaba fugindo para o Canadá, e neste caso há a preservação da família da escrava, em outro país. Sethe, entretanto, é a escrava que não foge, que permanece na casa cheia de lembranças e fantasmas, no sentido benjaminiano, alegoria de um país cujos resíduos do progresso incomodam. Nos países que viveram o trauma da escravidão, de acordo com uma personagem de *Beloved*, todas as casas são assombradas, e muitas mortes são como atos de subversão: “Não existe uma casa no país que não esteja cheia da dor de algum negro morto.”¹⁹ (MORRISON, 2000, p. 14). Mas Sethe ainda não é a única que mata os filhos em *Beloved*.

¹⁹– Not a house in the country ain't packed to its rafters with some dead Negro's grief. (MORRISON, 1988, p. 5)

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Assustada com a ação de Beloved na casa, sua vizinha, chamada Ella, ex-escrava, lembra-se do filho que também matou, deixando de amamentar, fruto de inúmeros abusos sexuais de um patrão e seu filho, que a mantinham presa: "Lembrou-se de que dera à luz uma coisa branca e peluda, gerada pelo 'mais vil de todos' Aquilo, que ela se recusara a amamentar, vivera por cinco dias sem emitir um único gemido".²⁰ (MORRISON, 2000, p. 302)

Diante das manifestações de Beloved na casa 124, a personagem Ella relembra o fato, e apavora-se com a possibilidade do retorno do filho que deixou morrer.

Por outro lado, em uma das passagens em *flashback*, uma escrava responsável por olhar as crianças filhas das lavradoras conta à então pequena Sethe que, de todos os filhos de sua mãe, ela foi a única sobrevivente. A mãe jogara fora todos os outros bebês, frutos de abusos sexuais. Sethe foi a única não apenas sobrevivente, mas nomeada. Sem poder lutar contra os sucessivos donos que abusavam de seu corpo, essa escrava jogava fora os frutos da semente deles, algo que poderia continuá-los de alguma forma. O único que ela "abraçou" foi o negro pai de Sethe, e a semente dele foi preservada.

Curiosamente, Set é justamente o terceiro filho de Adão e Eva na tradição judaico-cristã. Caim, o primeiro filho de Adão é o homem mau, um antagonista, enquanto Abel, assassinado pelo irmão, é apresentado como o homem bom. Set é o terceiro filho, que nasce após a morte de Abel, e tudo o que se fala sobre ele é que gerou Enós, que posteriormente invocou o nome de Javé. Fora o fato de ter gerado, nada mais se tem sobre Set no livro de Gênesis ou no restante da Bíblia. Set não é o homem mau, nem o homem bom, e assim não ocupa nenhum dos lados da divisão binária bem/mal. Em outro lugar, em outra margem, obscura porque indefinida, ele é apenas aquele que gera.

Sethe, a única nomeada, é uma escrava em 1855, uma cozinheira de um restaurante de Cincinnati em 1873. A personagem não tem direitos enquanto escrava, a não ser o de gerar filhos e assim lucro extra para o senhor da fazenda. Além disso, é excluída do meio

²⁰ She remembered she had delivered, but would not nurse, a hairy white thing, fathered by "the lowest yet." It lived five days never making a sound. (MORRISON, 1988, p. 259)

social nos anos que seguem após a abolição pelo infanticídio cometido dezoito anos atrás. Entretanto, é somente pelo infanticídio que Sethe ganha poder de fala em um romance contemporâneo; por seu ato de subversão à lei, sua história é contada.

Ao retomar um resíduo da história (Margareth Garner), ativamente um arquivo da memória que muitos autores preferiram esquecer, Morrison conta as subversões das negras utilizando-se de um texto que desafia o discurso logocêntrico. *Beloved* é a criança que teve a fala interrompida, e morre com uma serra na garganta, e o que lhe resta enquanto fantasma é um discurso entrecortado por pausas, desconexo, cheio de lacunas, mas altamente expressivo exatamente pelo silêncio que faz parte dele. Assim também é a linguagem do livro inteiro, uma narração com fluxo de consciência e fantasmas por todo o texto. Lacunas, perguntas sem respostas, e um final em aberto deixam à mostra a ausência de Logos, presença de som. Essa negação é clara em algumas partes do texto: “No começo não houvera palavras. No começo houvera apenas o som, e todas elas sabiam o que era o som.”²¹ (MORRISON, 2000, p. 302).

Pode-se com isso dizer que em *Beloved* a ausência anda solta, circula pelo texto, e o estrutura. O próprio tipo de linguagem escolhido por Morrison para escrever o romance denota essa ausência de Lógos: Morrison se utiliza livremente de um dialeto do Inglês chamado *Black English*. Muito distante do Inglês falado pela Inglaterra ou mesmo pelo senado americano, o *Black English* foi a marca que a subversão dos escravos deixou nos Estados Unidos. Para citar Deleuze, é a marca que uma minoria pôde fazer em uma língua maior. (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 204) Neste caso, o vocabulário “menor”, que já se encontra dissecado, vibra com intensidade em sua precariedade, imprimindo sua marca na língua maior.

Morrison constrói seu texto escavando a linguagem, a partir de ruínas, pequenos destroços, e faz o inglês negro utilizado no texto vibrar. No processo de montagem com ruínas, é impossível tapar todos os buracos, e assim o subalterno (será que pode falar?) manifesta-se no silêncio, nos blank-files, no discurso entrecortado de *Belo-*

²¹ In the beginning there were no words. In the beginning was the sound, and they all knew what that sound sounded like. (MORRISON, 1988, p. 259)

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ved, e na própria linguagem “menor” do texto. Morrison também está entre as mulheres que matam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Jorge Luiz. As paisagens naturais nos Estados Unidos: signos, simulacros e alegorias. *Cadernos de Letras da UFF*. Literatura e Contexto Cultural: Estudos Sulistas Norte Americanos. Niterói, n. 13, p. 13-25, 1997.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre a filosofia da História. In: *Coleção Grandes Pensadores*, n. 50. São Paulo: Ática, 1991.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka*: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

HUYSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MORRISON, Toni. *Amada*. São Paulo: Best Seller, 2000.

_____. *Beloved*. New York: Plume, 1988.

_____. The Pain of Being Black. Interview with Bonnie Ângelo. *Times*. 22 May, 1989.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*: intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: EDUSP, 1997.